

---

# AUGUSTO CONRADO

## “A perjura ou a mulher de duplo amor”

COLIN E AGNES DARCH  
Av. Mao - Tsé - Tung N.º 1031  
MAPUTO B - 3  
MOÇAMBIQUE

(Conclusão)

Na introdução de «A Perjura», por ele intitulada «Tentar», Augusto Conrado, utilizando uma linguagem alegórica, explica as razões porque se «aventura» no mister das letras. Apesar da sua extensão, passamos a transcrevê-la, na totalidade:

*\*... Devido o seu diminuto pêso e valôr sei melhor que ninguêem outro que esta minha pequena mercadoria «não achará em alguêem preço algum, não obstante o ter o grande cidadão e maior escritor português, glória das letras e áurea pena da nossa Pátria, Alexandre*

*Herculano, dito que «por mais pobre que cada um se julgue, venha com a sua mercadoria que alguém lhe achará preço».*

*Mas tentar é de homem, pois com maior evidência diz, num dos consagrados livros do glorioso escritor e fecundo poeta, de todos os tempos, venerado, na culta França gloriosa, da excelsa França, da França veneranda, Victor Hugo, em uma discretíssima passagem, que: «nao ha homem por mais fraco que seja que não tente.»*

*Nas «difíceis» conquistas do coração de Mulheres, nas conquistas de victórias nas guerras ... nas conquistas de vidas e sciência na medicina, e, enfim, nas conquistas de tudo e para conquistar tudo o homem tentou, tenta ainda e tentará sempre ...*

*Consegui-lo ha?*

*Quantos naufragados num profundo abismo sinistro dum cruél oceano implacável, embora se lhes escancare a impossibilidade de se salvarem, não tentam!?!? ...*

*No tentar é onde está a felicidade delituosa do homem e a desgraça do homem.*

*O homem depára pela primeira vez na Avenida, nas montras, ou em algum luxuoso estavelecimento de modas, com uma belêsa gloriosa de Mulher. Sente logo o coração simplicamente prêso por ela. Ama-a veramente com todas as vibrações da sua abrasada alma ...*

*Mas ela é uma burguêsa de sangue azul. Uma aristocrata toda pergaminhos e geneologias. Uma vaidosa toda envolta em preconceitos.*

*Uma orgulhosa envolta em peliças de altivez... Uma nobre dama feita toda de fofices ... É uma Mulher de mais alta sociedade ...*

*E êle?*

*Um pobre diabo de mais baixa condição mediocre.*

*E por isso não tem esperança.*

*O seu apaixonado coração que pulsa é, ante isto, um ancipite. Sofre as agruras de desesperanças, porque sabe que enquanto trouxer aquela carga, aquele pesado fardo de*

### CONDIÇÃO BAIXA

*às costas, nada dela poderá conseguir — a não ser um tremendo escárneo, uma tremenda descompostura, se não lh'o escarrar na bôca ... depois de muitos pares de bofetadas ...*

*Mas, impulsionado impavidamente por não sei quê que lhe queima in-petto da sua alma em fervulha numa paizão arrebatada ... numa vertigem ... tenta ... e ... escreve ...*

*Escreve a dama ...*

*Se todos os homens são iguais perante os Evangelhos do Senhor, e perante próprio Senhor, como podem deixar de não ser iguais perante aos homens iguais?!*

*Todos os homens são iguais perante todos os Ceus, perante o Universo da Terra, perante*

*Deus, unico Grandioso, enquanto mais perante aos mesmos homens! ...*

*Não há inferiores nem superiores, não há superiores nem inferiores, não há pequenos nem grandes, não há grande nem pequeno. Todos nós somos mortais perante a criação, perante as leis da Naturêsa. Todos nós somos nada. Todos nós somos pó e como de pó todos fomos formados, de pó também todos tornaremos ...*

*... A diferença que ha é que uns possuem habilidade de intrujar os outros e com essas intrujisses conseguem usufruir, angariar toda a espécie de confôrto que lh'os fazem viver num absoluto esquecimento — enquanto se entregam à tarefa que lhes corrompe a consciência e obceca-lhes a razão, de esquarterar o saboroso ôsso, roncando sinistramente como cães de bôca escancarada arreganhando os dentes, para êsses por êles intrujados que são esfolados, talvez com injusto mêdo cobarde de que êles são capazes de lhes desanrajar a dulcificante vidinha, arrancando-lhes o ôsso — de que os seus corpos são esperados para servirem de pasto, de manjar dulcissimo aos vermes ...*

*Pois que não se ilude ninguém que lá por desfrutar a bondade ilimitadamente misericordiosa de nós todos (que êle a abusa) é alguma coisa mais que os outros. Não é nada, não é absolutamente nada que os outros ... seja êle de que côr fôr; seja êle de que raça fôr ...*

*— Ninguém ignora, porém, que os imbecis poltrões, os pifios glutões insaciáveis que se sustentam e engordam-se de sangue dos inocentes, lá do poder, lá do poleiro, não fazem senão convidar unicamente as tias, os tios, os avôs, as filhas, os filhos, os primos, as sobrinhas, as primas, bisnetas, bisnetos, enfim, toda a cambada que lhes ligam para a farta gamela ... O que tem mais graça é que depois de esta cana-*



Augusto Conrado, foto aneja ao livro «Fibras d'Um Coração» (1935)

lhada toda se empaturrar e embebedar-se á custa do suor e de sangue das almas por ela espoliadas, quando a grossa bebedeira lhe sôbe os miolos, é que se sente patriota capaz de provocar esta ou aquela Nação em nome da Pátria, para depois cobardemente fugir que nem umas lebres, empurrando para o fogo dos canhões cruéis dos inimigos provocados aos espoliados — esfomeados para servindo-lh'a de trincheiras, serem injustamente dezimados deshumanamente pelas metralhas. Sim, de resto pouco se importa esta súcia de canzoada infiel, feita de hypocrisia e egoismo, cruél panthera jactanciosa, revestida de ferinos dentes do veneno letífero do chacal, empunhando o bastão de mando não se importa do bom povo que lhe deu a gamela ... escorraça-o, esfola-o depois de o espoliar e depois de o espoliar até a alma que êle reservava para Deus ... pois se os fascinoras de terra e a própria terra, todos têm dividido a sua carne, porque é que Deus não hade ter também uma parte pelo menos da alma, já que a carne é esquartejada ... e insacia as hyenas ... não aproveita!

É preciso que todo o elemento, e todos os povos feitos Sceptros ruins para hypnotisar o bom, o verdadeiro nobre ... o povo pacientíssimo, indulgentíssimo, os invisíveis e visíveis que participam de tudo o que é dele ... a carne e a alma ... (Só Deus é que coitado não tem tido parte nisto, porque chega sempre tarde ... Mas êle não se esqueça D'êle).

Sim, os comilões ingratos-fufios pouco se importam com os poligenos inacessáveis na procreação ... que injam os seus humildes e pobres cubículos de um malata de pequerruchos ...

E o tentador, com uma indizível rima de pequeninos: — miolos e mudas! ... Não há pão. Só ha muita fome e muito frio. Muita inopia de pão. Só há muita miséria ... Nisto tudo também ha uma Mulher em condições de «bonita».

Dahi — meu Deus! como o meu coração é todo cheio de fobia como se murgulhado numa presciência de futuro ... — a poliandria: complicações de amar e as consequências de tentar. Ia-me esquecendo de dizer que onde há este todo complemento-conjunto, não pode deixar de figurar nos apetrechos o objecto principal: — um revolver ou uma pistola ...

Aqui está portanto como o «tentar» no que êle julgava impossível trouxe, ao vosso cavalheiro arrojado, muitas felicidades deliciosas e um venturoso lar rosado todo cheio de uma ninhada de crianças, um rancho de miudinhos ... uma praga de proles ... e ... uma carabina ou um revolver, ou uma pistola.

Suplantou e venceu as abismais dificuldades que separavam os dois: êle, hómêm de mais baixa condição mediocre, e ela, Mulher orgulhosa de nobre casta ...

E vimos como êle vive num ceu de dulci-

ficantes felicidades proporcionadas pelo rico peculio — Mulher — ambicionado pelo seu coração ...

Eis as deliciosas complicações de amar e as consequências de tentar ...

Aqui estão as razões porque estímulo o hómêm, desde que é hómêm, a tentar sempre. Mas que não se ludibrie por sentir-se hómêm capaz de tudo ... Peço que reflecta antes de tentar ... Deve tentar sempre ...

Mas ai! o que faz, também, muita vez o homem tentar ...

E a mim o tentar encaminha-me para escancarada bôca dos vezadores e escarneceadores eméritos de principiantes como eu. E disso o reconheço porque reflecti antes de tentar.

Subo para gemonias. Mas não recuei, não recuo e nem recuarei de tentar. E o leitor amigo aqui me tem tentando embora reconheça-me a mim mesmo fraco e insuficiente ...

Sim, apesar de tudo, eis-me tentando ...»

A obra enferma de um grande número de erros de ortografia ou de tipografia e, quiçá, de sintaxe, que o autor, em parte, procura corrigir ou justificar no final do livro:

«É questão de se deminuir letra e pôr letra ...

É a correcção que peço que faça o amigo e inteligente leitor.

E na gramática também a isso lhe peço, pois a pressa com que escrevi este livro fez-me com que para significar juntasse absurdamente muitos adjectivos, adverbios e etc, formando assim um sentido frouxo e quasi sem nexo, como se pode ver nas últimas linhas da página 16.

Creio que tenho demonstrado-me nas linhas deste livro que estou muito longe de ser um vaidoso, como um certo cavalheiro — colega na profissão, todo presunçoso, pretendeu qualificar-me, somente porque tenho lhe feito vêr que eu sou um escravo da obediência ... mas nunca de vil humildade ...

Também queria me ocupar d'aquela sandeu, rabo dos visitantes europeus que precisam de moleque para lhes limpar as botas enlameadas do degredante e nojepto lodo, da praia das bandas da ponta da Ilha, que ousou querer me insultar, quando na porta daquelle estabelecimento, onde êle se encontra como um macaco manequim, para fazer rir aos transentes, por que os bobos desta ordem servem para nos entreter, alguns cavalheiros falaram em minhas obras. O canalha quiz duvidar das minhas obras. Fez bem não ter levantado o focinho ...

Perdoa-se o ingnorante, porque este horrível ordinario com pele de gente, é um casmurro de espirito e de alma, coitado.

Não lhe chamo uma besta néscia por êle não saber escrever, porque poderia não o saber e ter o espirito formoso, o que valeria muito mais que certas ~~caças~~ que foram para as univer-

sidades comprarem «cartas» de burros, mas sim porque este hómém, se é que tem alguma cousa de hómém, é um vil que tem como divisa o sujar cada vez mais a sua alma em limpar a lama das botas dos europeus que passam por aquele estabelecimento. O canalha! ousar duvidar dos meus livros!

— Quantos os erros ortograficos e gramaticais que contém neste livro (não os que pertencem a typografia) e que conterão nos outros livros que virão, não é uma prova, caro leitor, da minha falta de aptidão? Sim, é. Reconheço-me a minha falta dessa doce preciosidade.

E por isso é um canalha e imbecil quem quer ousar chamar-me inteligente, visto que nenhum hómém tem o direito de chamar ingnorante ao outro hómém que vem pregando em voz alta ás 5 partes do mundo, em alegação a sua ignorância.»

Depois de publicada a obra, vieram então as esperadas críticas (destrutivas, segundo ele) e a autodefesa de Augusto Conrado seria apresentada no «Preâmbulo» (posfácio) de «Fibras d'Um Coração», em 1933:

«Na «Perjura» não faltou quem, com ares de censor ... apontasse os êrros já por mim mesmo apontados, no mesmo livro.

Como hei de eu classificar a êsta gente que não se satisfaz com as nossas explicações, e nem com o nosso humilde pedido de desculpas, ...?

Eu sou adepto de crítica. De uma crítica sã e nobre, porque, as vezes, banha de luz ao principiante.

Mas, apontar os defeitos de uma obra, que já o dono os reconheceu e foi o primeiro a indicá-los ao público, é um inadmissível plágio, de consciência ruim.

Ousadia imbecilima, a destes imbecis petulantes, destes pobres cérebros corroídos, não só de alcool, porque nem sempre o alcool corroe, mas, sim, também, de inveja.

Fartei-me de dizer que, eu, era um pobre e simples principiante; e por conseguinte, não podia produzir cousas douradas. E, agora, francamente, não sei o que hei de mais dizer para saciar o egoismo desta gente.»

Autor ignorado (?) por quase todos os que se dedicaram ao estudo das nossas letras e mesmo no meio literário local (de ontem e de hoje), aqui fica o registo de mais uma obra editada de Augusto Conrado. Esperamos que a sua divulgação contribua para um melhor conhecimento de um dos primeiros escritores moçambicanos publicados em livro.

Maputo, Novembro de 1985